

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of small squares in light blue and white. Overlaid on this grid are large, overlapping triangles and hexagons in various shades of green, from light lime to dark forest green. A prominent white rectangular box with a double black border is centered on the cover, containing the title text.

Livro de poemas:
Literatura Brasileira e seus
encantos.

Quinhentismo.

Poema Jesus na manjedoura - José de Anchieta.

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas
encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal
me fez o teu pecado.

Barroco.

Poema Todo - Gregório de Matos Guerra

O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo todo.

Arcadismo.

Poema TEMEI, PENHAS - Cláudio Manuel da Costa

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra meu coração guerra tão rara
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano;

Vós que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei: que
Amor tirano Onde há mais resistência mais se
apura.

Romantismo.

Poema Seus Olhos - Gonçalves Dias

"Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes Do mar vão ferir;
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, Têm meiga
expressão,

Mais doce que a brisa, - mais doce que o nauta
De noite cantando, - mais doce que a fruta Quebrando a
solidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, De vivo luzir.
São meigos infantes, gentis, engraçados Brincando a sorrir.
São meigos infantes, brincando, saltando Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; - causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor do momento, Com modo gentil.
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, Assim é que são:
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos, Às vezes vulcão.

Realismo, naturalismo e parnasianismo.

Poema Ouvir Estrelas - Olavo Bilac.

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pátio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

Simbolismo.

Poema: Livre – Cruz e Sousa

Livre! Ser livre da matéria escrava, arrancar os
grilhões que nos flagelam e livre penetrar nos Dons
que selam a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava dos corações
daninhos que regelam, quando os nossos sentidos se
rebelam contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro, mais junto à
Natureza e mais seguro do seu Amor, de todas as
justiças.

Livre! para sentir a Natureza, para gozar, na
universal Grandeza, Fecundas e arcangélicas
preguiças.

Pré-Modernismo.

Poema Saudade - Augusto dos Anjos

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença, em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
P'ra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.

Modernismo.

Poema Canto de regresso à pátria - Oswald de
Andrade

Minha terra tem palmares

Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas

Eu quero tudo de lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 15

E o progresso de São Paulo.